



## **PARQUE AO AVESSO: A INVOLUÇÃO DO AÇUDE NOVO COMO ESPAÇO LIVRE PÚBLICO NO CENTRO DE CAMPINA GRANDE, PB**

ALBINO, Bianca Cristina Alves (1);

LANDIM, Camilla Thais de Meneses (2);

GÓIS, Joyce Louise Xavier de (3);

SILVA, Karla Victória Nunes da (4);

GOMES, Roberta Meira (5).

- (1) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Campina Grande, Paraíba, Brasil. [biancacristina27@gmail.com](mailto:biancacristina27@gmail.com)
- (2) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Campina Grande, Paraíba, Brasil. [milla-thais@live.com](mailto:milla-thais@live.com)
- (3) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Campina Grande, Paraíba, Brasil. [joyce.louise2@gmail.com](mailto:joyce.louise2@gmail.com)
- (4) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Campina Grande, Paraíba, Brasil. [karla.ns@hotmail.com](mailto:karla.ns@hotmail.com)
- (5) Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Graduanda em Arquitetura e Urbanismo. Campina Grande, Paraíba, Brasil. [roberta.meira.g@gmail.com](mailto:roberta.meira.g@gmail.com)

### **RESUMO**

Localizado no Centro da cidade de Campina Grande – PB, o Parque Evaldo Cruz, mais conhecido como Açude Novo, apesar de possuir boa estruturação tanto física quanto de inserção na malha urbana, seu grande potencial não tem sido explorado e tal espaço encontra-se atualmente subutilizado pela população Campinense. O objetivo principal deste artigo é identificar quais os motivos que levaram à diminuição do uso do Parque e como os agentes produtores do espaço influenciaram neste aspecto a partir de pesquisa bibliográfica e iconográfica que embasaram teoricamente a análise da problemática identificada. Uma análise cronológica desde a criação do açude até os dias atuais, explanando sobre as principais intervenções físicas realizadas, tanto no seu perímetro quanto no seu entorno imediato, com a finalidade de identificar quais os reflexos destas em seu uso e apropriação ao longo do período estudado. A conceituação fortaleceu os resultados obtidos e foi possível constatar que o declínio do uso desse espaço por parte da população aconteceu em etapas, e que o Parque atualmente se contradiz como espaço livre público por possuir poucos frequentadores e proporcionar poucos encontros e trocas entre grupos sociais.

**Palavras-chave:** Parque Evaldo Cruz; Mudanças de Funções; Usos e Ocupações; Intervenções Urbanísticas; Espaço Livre Público; Planejamento Territorial Urbano.

### ***REVERSED PARK: THE DOWNGRADE OF AÇUDE NOVO AS AN OPEN PUBLIC SPACE IN THE CENTRE OF CAMPINA GRANDE***

#### **ABSTRACT**

*Located in the center of the city of Campina Grande - PB, Evaldo Cruz Park, better known as*



*New Dam, despite having good structure both physically and insertion on the urban environment, has great potential, not exploited, and that space is currently underutilized by Campina's population. The main purpose of this article is to identify the reasons which led to decreased use of the Park and how producers of the space agents influenced this aspect from bibliographic and iconographic research that theoretically provided the basis for analysis of the identified problems. The chronological analysis since the creation of the dam to the present day, explaining about the main physical interventions, both in its scope and in its immediate surroundings, in order to identify which of these reflections in their use and ownership over the study period. The concept strengthened the results obtained and it was found that the decline of the use of this space by the population happened in stages, and that the currently contradicts Park as public space by having a few regulars and provide few meetings and exchanges between social groups.*

**Keywords:** Evaldo Cruz Park. Role change. Uses and Occupations. Urbanistic interventions. Free Public Space. Territorial Urban Planning.

## 1. INTRODUÇÃO

O intenso processo de urbanização do país, aliado ao crescimento populacional acelerado, criou um segmento social interessado em espaços livres, tanto privados como públicos. Estes espaços, livre de edificação, podem ser entendidos como os elementos básicos que compõem a paisagem urbana das cidades brasileiras, podendo ser vias, praças, parques, jardins, áreas de conservação, pátios, entre outros.

Como se sabe, o espaço livre público é fundamental para garantir a qualidade de vida por ser o meio físico onde acontece o encontro, as trocas, a integração, e por ser um elemento que unifica, modela e ordena a estrutura da cidade (LEITÃO, 2002).

Em campina Grande, PB, o Parque Evaldo Cruz (ou Açude Novo) situado no Centro da cidade, é um espaço livre público que possui boa estruturação física e urbana, porém encontra-se atualmente pouco utilizado pela população do município.

Neste artigo, foram elaboradas análises com o objetivo geral de identificar os motivos pelos quais, mesmo diante de suas potencialidades, o Parque foi tendo seu uso fortemente diminuído no decorrer do tempo e como objetivo específico, a identificação da influência dos agentes produtores do espaço que contribuíram de forma direta ou indireta nessa desapropriação.

Recortes Históricos sobre a área serão apresentados, sob a forma de linha do tempo, com a



finalidade de entender como e porque um espaço com grande potencial de apropriação foi quase que esquecido por boa parte da população.

Os resultados buscam identificar os reais problemas que incidem sobre o Parque e auxiliar a gestão municipal na elaboração de planos e projetos para a requalificação da área.

## **2. ESPAÇO PÚBLICO: RELAÇÃO COM A CIDADE E SUA QUALIFICAÇÃO**

A cidade é, além de espaço físico onde reside um assentamento humano, um meio social de convívio e relacionamento. A cidade, como meio social, é repleta de significados, que dependem da apropriação e relação dos seus cidadãos. Como elemento físico, a cidade é o conjunto de espaços de permanência e espaços de circulação, que configuram a rede urbana.

A conceituação da imagem da cidade não se dá de forma dissociada à arquitetura e aos espaços livres, que podem ser públicos ou privados, sendo esses dois elementos fundamentais para sua concepção. Partindo dessa perspectiva, Schjetnan (2008, p.13) afirma que “toda atividade humana precisa, para sua realização, de um espaço. O conjunto de espaços que um ser humano utiliza para suas atividades constitui o espaço vital”. Segundo o autor, o espaço vital é formado por três subespaços: (i) íntimos ou individuais; (ii) semi-públicos; e (iii) públicos.

O espaço público é fundamental para garantir a qualidade de vida por ser o meio físico onde acontece o encontro, as trocas, a integração, e por ser um elemento que unifica, modela e ordena a estrutura da cidade.

Na sociologia, o espaço público é fundamentalmente o espaço de encontro com o Outro, com o diferente de si. É o espaço onde as relações íntimas do grupo primário se enfraquecem e se fortalecem as relações coletivas que possibilitam as trocas fundamentais, o convívio com a diferença, marca da Civilização. (LEITÃO,2002, p.17)

O atual conceito de espaço livre público refere-se a espaços urbanos abertos, livres de edificação, pensados para o descanso, lazer, prática de esportes, passeio, entre outros usos. Na cidade, os principais representantes desses espaços são os parques e as praças. O simples fato de existir no meio urbano não garante uso a um espaço livre público. Existem diversas características, físicas, simbólicas, sociais, e visuais que influenciam diretamente na apropriação desses espaços pela população.



Segundo Minda (*apud* Sun, 2008, p.27), existem alguns aspectos qualificadores que precisam ser levados em consideração para a concepção de “bons espaços urbanos”. São eles: I. Articulação ao tecido urbano; II. Integração à rua e a arquitetura; III. Integração da arquitetura e o terreno ao conjunto da paisagem; IV. Articulação as características ambientais e climáticas do entorno; V. Responder às necessidades do espaço e do usuário (hábitos e costumes); VI. Participação do usuário; VII. Qualidade na acessibilidade ao espaço; VIII. Redução de barreiras físicas e visuais

O autor supracitado destaca quatro princípios qualificadores do desenho urbano e ambiental para os espaços livres público, que são: a vegetação; os aspectos ambientais; a acessibilidade e o mobiliário urbano.

O primeiro princípio, a vegetação, funciona para regulação do microclima urbano, proteção contra fortes ventos e absorção de ruídos. Na paisagem da cidade, produz contrastes e suaviza massas de concreto, além de possibilitar diversidade e escala a paisagem urbana. O autor, em seu segundo princípio, os aspectos ambientais, afirma que os espaços urbanos possuem três funções principais: função social, função urbana e função ecológica. O terceiro princípio seria a acessibilidade, onde os espaços livres públicos precisam ser dotados de acessibilidade física, visual e simbólica ou social. A combinação dos três tipos geram espaços com uso mais ou menos intenso. O último princípio, mobiliário urbano, é essencial para atender as necessidades urbanas.

Outra autora que também trata da qualificação de espaços públicos, especificamente parques urbanos, é a americana Jane Jacobs. Em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades*, Jacobs afirma que parques muito usados como áreas genéricas costumam incluir quatro elementos principais, sendo eles a complexidade, centralidade, insolação e delimitação espacial

A complexidade está relacionada à multiplicidade de motivos que levam as pessoas a frequentarem os parques e aos horários diversos de utilização. A centralidade refere-se à existência de elemento espacial localizado no centro do parque, que funciona como ponto de referência para seus usuários. A insolação trata da importância de um parque propiciar tanto boas áreas de sombra como boas áreas de sol. A delimitação espacial seria a existência de construções ao redor do parque que tem a função de modelar e definir a forma



do parque, não como resultado de um espaço residual da cidade, mas como importante elemento na paisagem urbana.

### 3. LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO COM IMAGEM

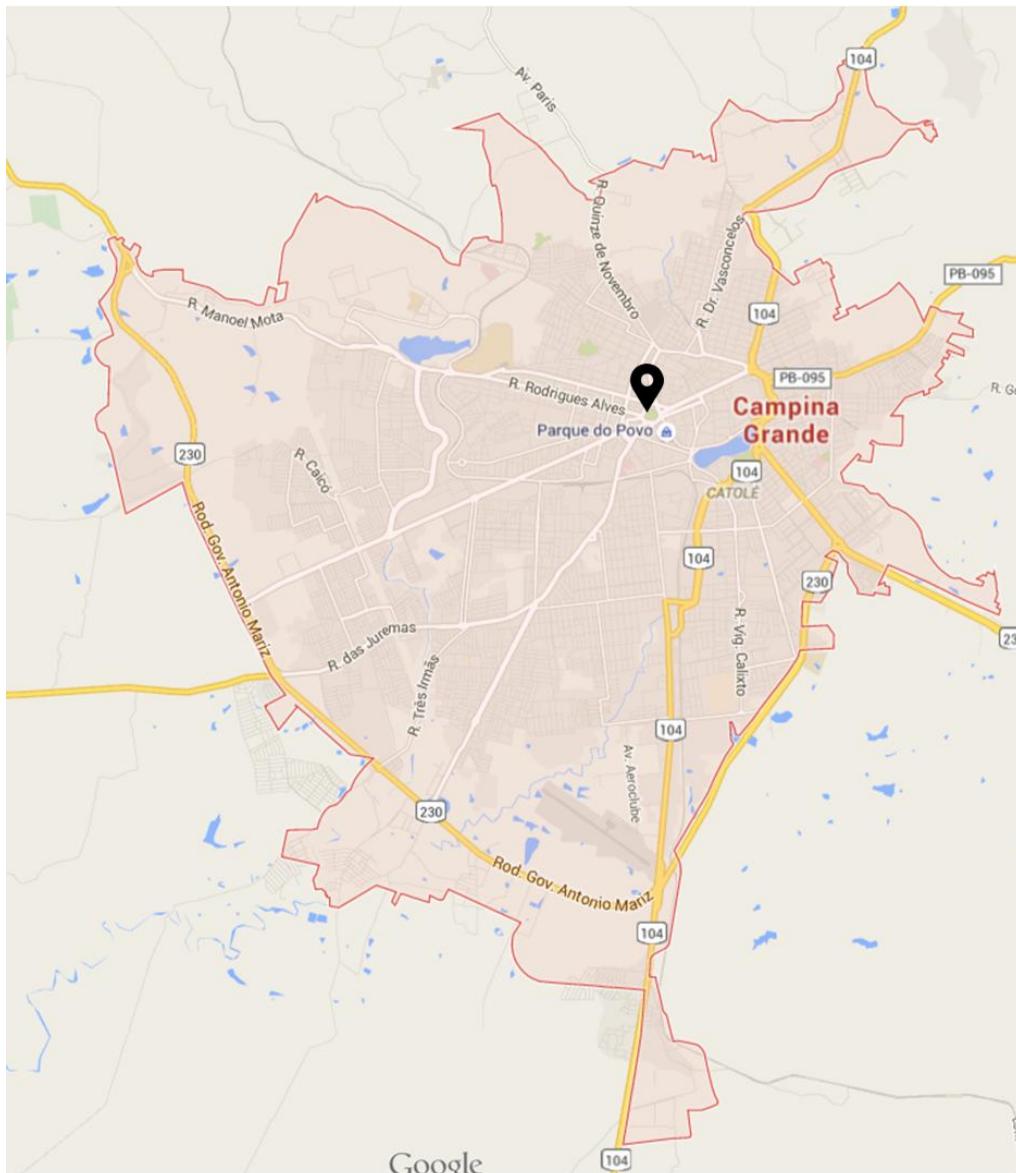


Figura 1: Localização/Fonte: <https://www.google.com.br/maps/@-7.2169266,-35.9062799,14z>

O Parque Evaldo Cruz está localizado no bairro do Centro na cidade de Campina Grande.



(2)



(3)



(4)

Figuras 2, 3 e 4: Caracterização do Parque Evaldo Cruz/ Fontes: <https://geolocation.ws/v/P/60979291/parque-do-aude-novo-campina-grande-pb/en#>;  
<http://www.overmundo.com.br/guia/parque-acude-novo>;  
[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Obelisco\\_acude\\_novo.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Obelisco_acude_novo.jpg)



#### 4. MEMÓRIA DE ELEFANTE: RECORTE HISTÓRICO DE 1830 A 1974

A trajetória histórica do Açude Novo como espaço público se inicia com o abandono de sua principal função: a de abastecimento de água.

Em 1830 foram criados dois açudes em Campina Grande para manter constante a oferta de água, ambos foram muito úteis considerando a grande seca que durou trinta e dois anos (de 1845 a 1877). No entanto, em 1927, a distribuição hídrica passou a vir da cidade vizinha, Puxinanã e, mais tarde, da cidade de Boqueirão em 1958 (SOUZA, 2013, QUEIROZ, 2010) . Perdida sua função primordial, o açude passa a ser propriedade da população. Há registros da década de 1950 que mostram competições de remo realizadas no local, um espaço dedicado à prática de esportes e também de contemplação, conformando uma relação de afeto com a água.



Figura 5: Remo no Açude Novo/Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (Blog).

Até essa época, a estrutura física do Açude e seu entorno foram pouco modificados. Campina Grande abrigava pouco mais de cem mil habitantes nos anos cinquenta e passou a demandar outras estruturas que acabaram por interferir na existência e conformação dos espaços em volta do Açude Novo.

O primeiro desses espaços foi o Convento das Clarissas, que iniciava seu período de construção em 1950 e foi concluído em 1953<sup>1</sup>. A configuração construtiva do convento é isolada do entorno por um muro alto, contando apenas com três entradas laterais e nenhuma permeabilidade visual com o espaço do Açude ou com o restante da vizinhança, a não ser talvez pelo marco da torre das capelas. O convento configura, curiosamente, um espaço de clausura, tanto externamente quanto internamente.

---

<sup>1</sup> Trajetória construtiva do convento disponível em seu site oficial <[www.irmasclarissaspb.blogspot.com.br](http://www.irmasclarissaspb.blogspot.com.br)>.



Figura 6: Muro do Convento das Clarissas e o Parque do Açude Novo ao fundo./Fonte: João Henrique Rosa.

Além do Convento, o Teatro Municipal Severino Cabral, já nasceu – em 1963 – de costas para a água. Sua entrada principal se abre para o grande eixo viário da Av. Floriano Peixoto, que cruza o centro, faz um pequeno desvio a partir do Teatro e do Açude Novo para então prolongar-se em eixo contínuo até o fim da cidade (MOÇO, 2010).



Figura 3: Mapa esquemático da localização do Teatro em relação à Av. Floriano Peixoto. /Fonte: Vetorizado a partir do Google Maps.

Pela demanda de um espaço em formato de auditório, é compreensível a instalação do teatro no sentido em que se encontra, mas não há entradas alternativas voltadas para o





Açude, mesmo a parte posterior do teatro sendo dedicada a oficinas e aulas abertas à população mediante inscrição. Existem entradas laterais, mas que seguem a mesma lógica da entrada principal, de vista para o Açude, apenas o grande mural posterior, que hoje é parcialmente coberto por recente construção de galerias que abrigam lojas de roupas e pequenos negócios.



Figura 7: Teatro Municipal Severino Cabral, 1973./Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande<sup>2</sup>.

O Açude Novo manteve esse estado de bacia hídrica até meados de 1974, quando ocorreu sua drenagem em preparação para o projeto do novo parque, que incluiria espaços para crianças e um museu de arte.

A questão aqui seria a causa da produção arquitetônica de um período inteiro não ser focada na grande bacia d'água que auxiliou na criação e subsequente manutenção da cidade e que fazia parte da vivência social e esportiva de Campina. O que levou os autores dos projetos a não considerarem o espaço como aditivo cênico para os projetos ou como espaço de encontro da população?

Supõe-se que havia ressalvas em se considerar o espaço do Açude Novo como um espaço público utilizável na cidade, pelo seu contexto histórico de espaço dedicado ao despejo de lixo e dejetos num período de tempo considerável, enquanto não existia uma condição mínima de saneamento, sobretudo no Centro.

Além de um afastamento motivado pelo surgimento e popularização de noções de higiene, é possível que existisse uma ressalva social. Na época do processo de drenagem, instalaram-

---

<sup>2</sup> Site classificado como Serviço de Utilidade Pública que documenta a história de Campina Grande por meio de fotos, vídeos e relatos.



se moradias informais em volta do espaço, constituindo pequenos aglomerados dispersos, mas que já mereciam a alcunha de favela<sup>3</sup> nos relatos. Essa população mais pobre também não possuía encanamento e abastecimento de água e terminavam por recorrer diretamente ao Açude para seu consumo próprio diário.

A reserva social de se valorizar um espaço que servia de auxílio hídrico à Favela dos Coqueiros pode ter contribuído para o investimento arquitetônico voltado para outros eixos urbanos, como o da Av. Floriano Peixoto em direção ao centro histórico, que possuía uma estrutura mais consolidada na época.

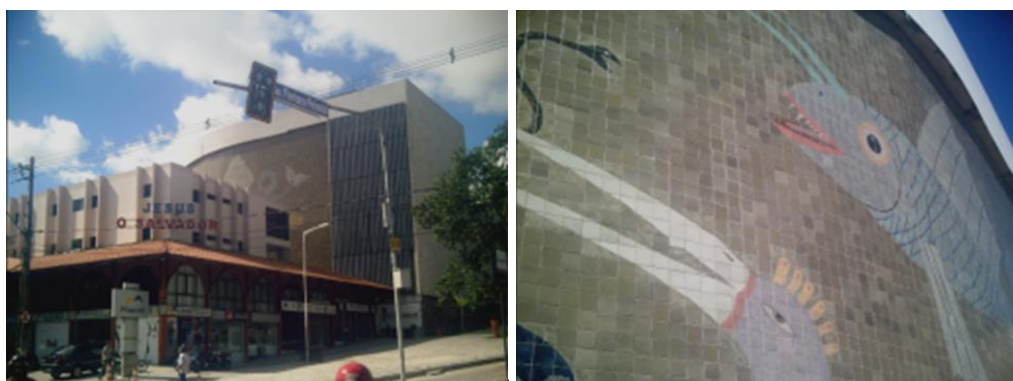
Mesmo não sendo oficialmente um espaço público de lazer, o que se observa nos registros fotográficos do Açude são eventos de reunião de pessoas que aconteciam muito naturalmente no curso da história, pessoas que se deslocavam seguindo seus instintos de curiosidade, como é o caso do banho dos elefantes de 1972. A figura 8 mostra um grande encontro de parte da população em volta de elefantes de um circo, já com a presença do muro curvo do teatro municipal à esquerda e um campo de futebol que existia antes da construção das galerias que obstruíram o mosaico existente na parte posterior do teatro.



Figura 8. Elefantes no Açude Novo, Dezembro de 1972/ Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande.

---

<sup>3</sup> Mencionada como Favela dos Coqueiros de Zé Rodrigues, o aglomerado de casas informais foi removido pelo projeto CURA (Comunidade Urbana para Renovação Acelerada) adotado durante as décadas de 1970 e 1980 (SOUSA, 2010).



(a) (b)  
Figura 9. Detalhe do mural do Teatro (a). Bloqueio do mural por galerias (b). 2011/ Fonte: Otávio Maia em <http://otaviocomarte.blogspot.com.br/>

#### 4.1 A CIDADE DE CAMPINA GRANDE E AS INICIATIVAS DE MODERNIZAÇÃO

Em meados do século XX, a cidade de Campina Grande vivenciava um amplo desenvolvimento populacional, dando início também a expansão do ensino superior e a produção industrial. Assim, o Governo Federal incluiu o município ao Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI), na década de 70. O plano foi desenvolvido durante a gestão municipal de Evaldo Cruz no período que compreende 1973 a 1977, com objetivo de orientar o planejamento de organização da cidade, propiciar o desenvolvimento do município e sua região e corrigir os setores com maiores problemas da cidade (FERNANDES, 2011, p.13).

É neste cenário, diante da necessidade de apresentar Campina Grande como uma cidade moderna e com ares de progresso, que surge o projeto de reforma do Açude Novo. Sanear o Açude, como aponta o estudo de Fabiano Souza (2013), era um referencial que dividiria a cidade velha (ruralizada) e a cidade nova (pretendida) que se utilizava de novos materiais e técnicas construtivas.

O Açude Novo, localizado ao centro geográfico da área urbana de Campina Grande, oferecia um vasto e importante espaço físico para recreação, lazer e recuperação urbana, que estava sendo exigida das cidades de médio porte. A carência de espaços apropriados para equipamentos de recreação e cultura, como também a ausência de áreas para estacionamento, transformavam a urbanização da área do Açude em meta prioritária na administração de Evaldo Cruz (OLIVEIRA, 2005, p.106).



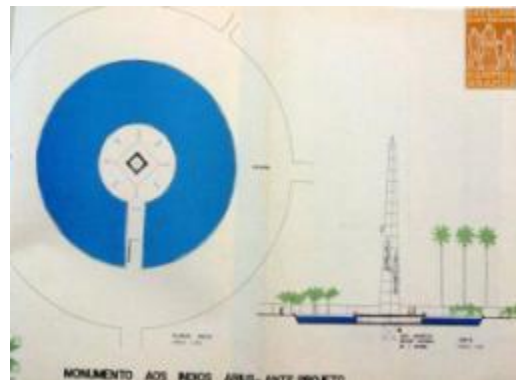
Por fim, o índice de área verde por habitante estudado por Maria José Oliveira (2005), em consulta aos dados do IBGE-CG, encontrava-se entre os mais baixos do mundo, cerca de 0,48m<sup>2</sup> por habitante, porém segundo DANTAS e SOUZA (2004), a cobertura vegetal recomendada é de duas árvores ou 12 m<sup>2</sup> de área verde por habitante. Então, projetar uma área com alta densidade vegetativa também era importante para compensar a carência desse índice.

O Açude Novo, após ser totalmente extinto para o seu uso antigo (o de abastecimento da cidade), foi submetido a um plano urbanístico e paisagístico, que propunha um parque com uma vasta área arborizada, espaço generoso para o desenvolvimento de atividades e, sobretudo, destinado ao uso público. Sendo assim, como bem definiu, ainda, Maria José Oliveira (2005), os objetivos da primeira etapa da implantação do programa de ação do Governo Municipal ou Plano Trienal 1974/1976 seriam a urbanização do Açude Novo e áreas de entorno com a construção de equipamentos, tais como: (i) **o monumento aos índios Ariús**, (ii) **a construção do Museu de Arte Assis Chateaubriand**, (iii) **equipamento de recreação infantil**, (iv) **a densa arborização e grande área de jardim**.

Abaixo, são destacados alguns registros fotográficos acerca do parque, sendo eles a vista noturna que abrange o monumento e alguns equipamentos recreativos (c), o anteprojeto para a construção de tal monumento (d), uma vista aérea do formato e de como o parque está inserido na malha urbana, incluindo seu entorno (e) e, por fim, o anteprojeto do Museu de Arte (f).



(c)



(d)



(e)



(f)

Figura 10. Equipamentos e o obelisco (c). Anteprojeto do Monumento aos índios (d). Vista aérea do Parque e seu entorno (e). Vista Museu de Arte Assis Chateaubriand (f). /Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande.

O parque foi inaugurado em 31 de janeiro de 1976, recebendo o nome de Parque do Açude Novo. Apenas com a morte de Evaldo Cruz, em 1985, foi intitulado o nome do ex-prefeito para a área, tornando-se Parque Evaldo Cruz.

## 5. DO USO AO ABANDONO: OS ANOS DE INTENSA MOVIMENTAÇÃO E O DECLÍNIO DO PARQUE

O Parque do Açude Novo foi amplamente utilizado e apropriado pela população nos anos que sucederam sua inauguração. Relatos de antigos usuários mostram como era vastamente frequentado, principalmente nas tardes de domingo. Isto ocorreu até meados da década de 1990, quando tem-se início o declínio da área.

Embora a vegetação tenha sido um dos principais enfoques do projeto para compensar o baixo índice verde da cidade, nota-se que o porte arbóreo, atualmente, constitui um fator que oferece determinado bloqueio visual (impossibilitando a acessibilidade visual tratada por MINDA, 2008), a depender de como o observador realiza o trajeto. Isto ocorre, pois como o parque encontra-se abaixo do nível das ruas circundantes, as árvores que crescem em seu interior, bem como o tipo de copa, impedem parte da percepção visual entre o meio externo e interno.

No início do ano de 2002, o Açude Novo passou por reformas urbanísticas tendo sua reabertura apenas em junho de 2004. Neste período foram retirados brinquedos para crianças como balanços e escorregos, porém os bancos e a fonte foram renovados. Esta ação tencionava revitalizar tanto o mobiliário que estava desgastado pelo tempo, como



também o uso do espaço que já se encontrava esquecido e pouco frequentado pela população.

Apesar deste esforço, a falta dos equipamentos para a recreação infantil foi um fator que pôs fim a um forte *significado* que já havia existido no parque, já que nos anos 1970-80 havia muitas crianças fazendo uso dos brinquedos. E como já citado, de acordo com Carneiro (2010), é o significado que impregna a memória dos usuários e garante o valor simbólico que vai além de sua função. A retirada destes ignorou as *necessidades* das crianças e extraiu do parque um componente que tinha o potencial de voltar a atrair o público infantil e, conseqüentemente, àqueles que são responsáveis por ele (pais, irmãos, tios, avós, etc). Foi perdida parte da complexidade do Parque, tratada por Jacobs, que afirma que as pessoas são levadas a utilizar os espaços por motivos diferentes.

O problema da visibilidade no Parque decorrente da insuficiência de postes de luz foi ignorado na reforma de 2002, e agravado pela ausência das fontes luminosas. Atrelado a isto, a própria topografia do Açude, que é semelhante a uma cratera ainda que relativamente rasa, dificulta a acessibilidade física e visual de quem está no centro do parque para quem está no nível da rua, como mostra a figura 8. Este fator provoca no usuário um relativo desconforto visual e agrava a sensação constante de perigo àqueles que frequentam o local. Dessa forma, as experiências que o espaço passou a proporcionar na população fez com que o parque fosse estereotipado como ambiente inseguro, além de reforçar o que foi já apontado anteriormente por Minda (apud Sun, 2008, p.27), ao afirmar que os espaços livres públicos precisam ser dotados de acessibilidade física, visual e simbólica ou social e a combinação dos três tipos geram espaços com uso mais ou menos intenso.



(g)



(h)

Figura 11: Imagem mostrando o desnível considerável entre o nível da rua e o interior do Parque./Fonte:



Acervo pessoal.

Ainda em 2007, foi iniciada a construção do primeiro Terminal de Transporte Integrado de Ônibus da cidade de Campina Grande, localizado em uma das extremidades do Parque Evaldo Cruz, possuindo os acessos também posicionados nas calçadas periféricas do parque.

É válido ressaltar que o projeto do terminal de integração não buscou a revitalização do uso do parque, uma vez que para adentrá-lo, a passagem dos usuários pelo interior do Parque não se faz necessária. Deste modo, um grande potencial no que se refere à articulação entre o projeto do terminal e o próprio Parque foi desperdiçado, além de servir como barreira física, dificultando a acessibilidade visual do mesmo.



Figura 12: À esquerda está a grade que cerca o terminal de integração, e à direita está o acesso do Museu de Arte Assis Chateaubriand. /Fonte: Arquivo pessoal.

O mesmo problema também se encontra na forma como o Museu de Arte Assis Chateaubriand foi posicionado, uma vez que sua implantação não levou em consideração as possibilidades de acesso pelo Parque, deixando de explorar as potencialidades de percurso e paisagem. É possível perceber novamente a falta de articulação entre projetos circundantes e o Açude Novo. Um dos aspectos qualificadores de um espaço urbano é a articulação entre ele e o tecido urbano, porém essa característica é ausente no Parque e nos projetos do entorno.



(k)



(l)

Figura 13: Imagem de satélite, com o terminal de integração delimitado pela poligonal em vermelho (k). Imagem do terminal de integração com Parque à direita (l). /Fonte (k): <http://google.com/maps> /Fonte (l): <http://valemiscard.com.br/informacoes/terminal-de-integracao/>

Outro fator que desqualifica o parque é a pouca diversidade de serviços comerciais existentes, podendo ser resumidas em lanchonetes e bares (reforçando a baixa complexidade do espaço tratada por JABOBS, 2000). As lanchonetes estão localizados em uma área no entorno do Açude Novo “dando as costas” para o interior. Apenas os bares estão localizados no interior do parque, ou seja, na área que se encontra abaixo do nível da rua, sendo abertos somente à noite. A pouca diversidade de serviços gera um ambiente também com pouca diversidade de usuários. Esta característica é prejudicial ao espaço, uma vez que quanto mais variância de serviços, menos monótono se torna o espaço, atraindo uma grande variedade de público.



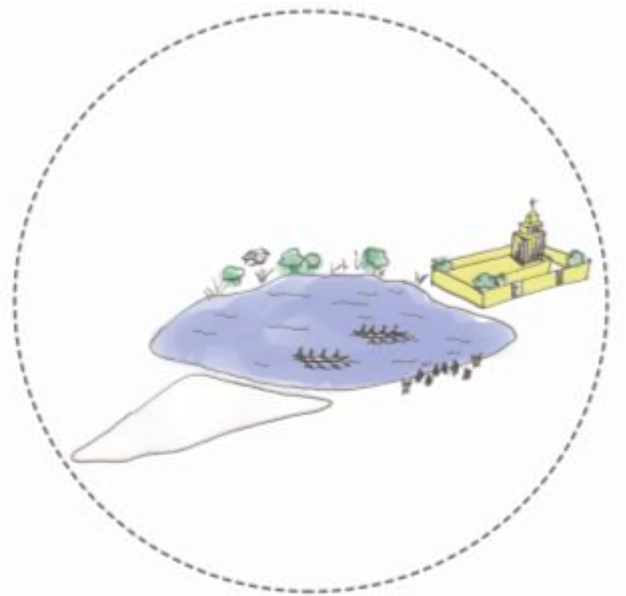
Figura 11: Lanchonetes localizadas no entorno do Parque Evaldo Cruz. /Fonte: Arquivo pessoal.



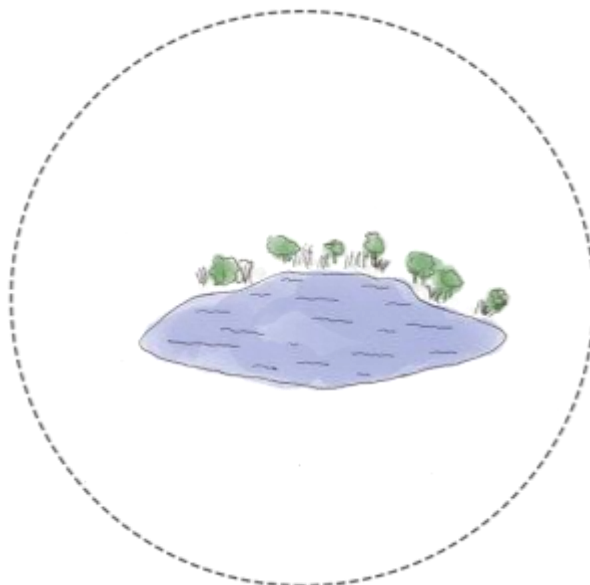


## 6. INVOLUÇÃO ILUSTRADA

1830 - Criação do Açude Novo como via de abastecimento de água na cidade de Campina Grande.



Década de 1950 - Identificada prática de remo no Açude e construção do Convento das Clarissas e seu grande muro.





1972 - Elefantes visitam o açude. Já existe a presença do Teatro Municipal Severino Cabral, Inaugurado em 1963.

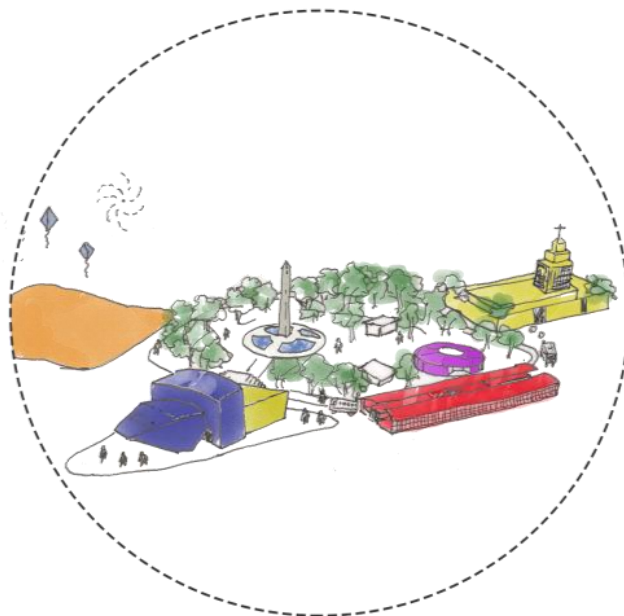


1975 - É inaugurado o Parque Evaldo Cruz. Presença da estrutura do Museu de Arte Assis Chateaubriand e boa frequência de uso por parte da população.





2014 - O parque Evaldo Cruz e seu entorno de construções diversas. A frequência de uso pela população foi bastante reduzida e a adição do terminal de integração - em 2008 - dispersou ainda mais os fluxos de pedestres, além de ser um obstáculo à entrada do Museu de Arte.



## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da avaliação do processo histórico e das análises críticas a cerca do Parque Evaldo Cruz, é possível destacar como a dificuldade em integrar projetos pode resultar na perda de qualidade dos espaços e, ainda, contribuir para o desinteresse e abandono por parte da população. Fatores como a baixa diversidade de uso, bem como a falta de incentivos e atrativos para o local podem ser considerados os principais responsáveis pela desvinculação do Parque com a cidade, sendo este muitas vezes esquecido ou distante de significado para os habitantes.

Embora a trajetória e as transformações sofridas pelo Parque apontem para mudanças de funções e novos usos para a área com base nas necessidades de cada época, o espaço que outrora fora proporcionador de encontros, hoje se tornou esquecido, pouco frequentado, pouco lembrado e por vezes estereotipado pela sociedade.

Tendo em vista os diferentes fatores que contribuíram para o declínio do uso e apropriação



do Parque, conclui-se que o caminho que este seguiu foi de encontro ao conceito de espaço livre público e a negação de seu grande potencial de uso aconteceu em etapas, cada uma delas contribuindo com uma parcela de dissociação da população deste espaço, tornando o seu entorno mais utilizado do que o seu interior.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A; SOUSA, E, 2011. Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>> Acesso em: 01 de dezembro de 2014.

ARAÚJO, Silveira. Dispensando o feioso: A construção da higiene estética em Campina Grande (1930-1960). Dissertação de Mestrado. Campina Grande - PB, 2010.

CALDERÓN, Jorge Eduardo Minda. Os espaços livres públicos e o contexto local: O caso da praça principal de pitalito – Hulia-Colombia. Dissertação. Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2009.

DANTAS, I. C.; SOUZA C. M. C. Arborização urbana na cidade de Campina Grande - PB: inventário e suas espécies. Revista de Biologia e Ciências da Terra, Volume 4 - Número 2, 2004.

FERNANDES, S.T. Modernização em Campina Grande nas Páginas do Diário da Borborema. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEITÃO, Lucia. As Praças que a Gente tem, as Praças que a Gente Quer. Manual de Procedimentos para Intervenção em Praças. Editora Prefeitura de Recife, Recife, 2002.

MINDA, Jorge Eduardo Calderón. Os espaços livres públicos e o contexto local: O caso da Praça Principal de Pitalito – Huila – Colômbia. Dissertação de mestrado. Brasília-DF, 2008.

MOÇO, Elizângela. O Teatro Municipal Severino Cabral, da edificação às emoções: Uma análise da cultura teatral campinense. Monografia. Campina Grande - PB, 2010.

OLIVEIRA, M.J.S. Do Discurso dos Planos ao Plano Discurso: PDLI - Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Campina Grande 1970-1976 / Maria José Silva Oliveira. - Recife : O Autor, 2005.

QUEIROZ, MDV. Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930 - 1950). Dissertação de Mestrado. São Carlos - SP, 2008.

SCHJETNAN, Mario; PENICHE, Manuel; CALVILLO, Jorge. Principios de Diseño Urbano/Ambiental. Editora Limusa. México, 2008.

SOUZA, F.B. Modernidade à Conta Gotas: Por Uma História do Abastecimento de Água em Campina Grande – PB (1950-1958). Dissertação de Mestrado. Campina Grande- PB, 2013.

SOUZA, Luciana E. Cidade e Violência: Campina Grande na década de 1980 e as representações do Mão Branca nos jornais. Dissertação de Mestrado, Campina Grande, 2010.

SUN, Alex. Projeto da Praça: Convívio e Execução no Espaço Público. Editora Senac. São Paulo, 2008.